



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o presidente da Costa Rica, Oscar Arias Sánchez

Palácio Itamaraty, 30 de julho de 2008

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Antes de falar da Rodada de Doha, eu quero dizer para a imprensa brasileira e para a imprensa da Costa Rica do prazer de estar recebendo o presidente Oscar Arias. A Costa Rica é um exemplo de democracia no nosso continente, é um exemplo de país próspero que acreditou no investimento em educação muito antes de nós.

Apesar de termos relações comerciais há muito tempo – e relações políticas e diplomáticas – nós ainda temos muito o que melhorar nestas relações. Eu convidei o presidente Oscar Arias para vir ao Brasil e já assumi o compromisso com ele de que, no final de janeiro ou no começo de fevereiro, estarei visitando a Costa Rica.

Com relação à Rodada de Doha, se eu pudesse, prestaria uma homenagem aos nossos negociadores, coordenados pelo companheiro Celso Amorim, porque conheci de perto as dificuldades de negociações tão complicadas como as da Rodada de Doha. O Brasil fez o que podia e o que não podia para tentar fazer com que Genebra fizesse um acordo que pudesse favorecer os países economicamente menores e países, sobretudo, de agricultura mais frágil.

Trabalhamos até o último minuto, concordamos inclusive com a proposta da Europa de que era possível fazer o acordo mas, lamentavelmente, no último segundo – possivelmente por problemas políticos, porque nós temos eleições



na Índia e nos Estados Unidos – houve um impasse entre essas duas nações e o acordo não saiu.

Penso que nesse último ano e meio, eu particularmente, Presidente, falei com os principais presidentes do mundo: o Hu Jintao, o primeiro-ministro Singh, o presidente Bush, o Tony Blair, depois o Gordon Brown, a Angela Merkel, o Chirac e agora o Sarkozy. Já faz um ano e meio que venho dizendo que, menor do que econômico, nós tínhamos um problema político na OMC. Ou seja, o problema era muito mais de ordem política do que de ordem econômica.

Querer que em um país do tamanho dos Estados Unidos, com eleição marcada para o final do ano, algum presidente se exponha em divergências com produtores agrícolas é impensável. A China, que tem 650 milhões de pequenos agricultores... Era uma coisa realmente difícil.

Eu prefiro acreditar no que disse o primeiro-ministro Singh hoje: que não acabou a negociação, é apenas uma pausa para reflexão. Acho que o bom senso ainda vai permitir que as pessoas entendam que é preciso que haja esse acordo, que não precisa mais de técnicos. Precisam agora sentar os presidentes da República e os primeiros-ministros dos países e tomar uma decisão do que querem e do que não querem fazer. Está claro que nós fizemos as concessões que eram necessárias para produtos industriais, com a concordância dos empresários brasileiros; está claro que fizemos os acordos, na parte da agricultura, com a concordância da representação dos agricultores brasileiros; e está claro que eles não fizeram o que deveriam fazer, porque senão nós teríamos feito acordo.

Os Estados Unidos, que hoje têm um subsídio de 7 bilhões de dólares, querem aumentar para 14, ou seja, a matemática é um pouco diferente do que eles pensam e do que nós pensamos. Eu pensei que ia reduzir para 5 ou para 6, mas elevar para 14 significa aumentar e não diminuir.

De qualquer forma, nós até concordaríamos com determinadas coisas,



desde que os países mais pobres saíssem ganhando. Já houve pré-acordo. Nós discutimos agora com a Costa Rica e chegamos à conclusão de que é importante que os países europeus cumpram a parte já acordada com os países menores. Por exemplo, as coisas que são importadas da Costa Rica, que mantenham a importação, o acordo, e que não desfaçam isso porque não houve assinatura definitiva. Enquanto isso, vamos continuar lutando para ver aonde chegamos.

Jornalista: O que o Brasil vai fazer na prática, Presidente, a partir de agora?

Presidente: Na prática o comércio vai continuar. Vamos continuar com os acordos bilaterais. Nós temos acordo estratégico com a União Europeia, queremos fazer acordo entre a União Europeia e o Mercosul. Estamos querendo que o Sica faça acordo com o Mercosul para que os países da América Central possam ser sócios do Mercosul e para que o Mercosul possa ser sócio do grupo da América Central. Cada país vai continuar fazendo o trabalho que vinha fazendo, os acordos bilaterais...

O que eu acho é que os governantes perderam uma oportunidade extraordinária de apresentar ao mundo, sobretudo à parte mais pobre do mundo, que nós iríamos garantir que houvesse paz, que houvesse democracia, que não houvesse tanta migração, garantindo que as pessoas pudessem ter oportunidade de trabalhar, de ganhar salário e de comer. Os países ricos precisam flexibilizar para que os países pobres possam vender. Estou incomodado, obviamente chateado porque não houve assinatura do acordo, mas eu ainda acho que poderemos fazê-lo.

A política evolui. Nós temos eleições em dois países importantes. Depois das eleições, não sabemos o que vai acontecer, mas achamos que ainda é possível continuar trabalhando esse acordo e fazê-lo, em algum momento, de forma diferente, com outros interlocutores. Eu acredito que temos condições.



Enquanto isso, vamos continuar trabalhando.

Jornalista: E a acusação de que o Brasil traiu o bloco, como o senhor recebeu isso?

Presidente: Você acha que eu posso falar de Estado para Estado porque alguém especulou alguma coisa? Cada Estado, seja a Costa Rica, o Brasil ou a Argentina, pode trabalhar o quanto for, mas nenhum Estado abre mão de sua soberania enquanto Estado Nacional. Aí, a Argentina tem interesse, o Brasil tem interesse, os Estados Unidos têm interesse, a Costa Rica tem interesse, cada governante vai defender os interesses de seu Estado.

Jornalista: Uma perguntinha sobre o Gil.

Presidente: Depois do problema internacional.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Nós assinamos um acordo com a Costa Rica sobre biocombustíveis e, obviamente, temos interesse em fazer transferência de tecnologia. Eu já falei com o ministro Lobão para levar uma equipe de técnicos e visitar a Costa Rica para ver que tipo de parceria poderemos fazer lá.

Tanto na questão do biocombustível quanto na questão da agricultura, tanto através do Ministério de Minas e Energia como do Ministério da Agricultura, do MDA e da Embrapa, nós iremos dar apoio a todos os países que quiserem ter o mesmo conhecimento que o Brasil tem.

Com relação ao problema interno do Brasil, primeiro vocês me deixem conversar com o Gilberto Gil, porque ele marcou uma audiência comigo, não sei o que ele quer me falar. Depois que ele falar, nós vamos conversar.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa

Entrevista do Presidente da República

(\$31EGJLMP)